



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XIX — N.º 486 — Preço 1\$00
27 DE OUTUBRO DE 1962

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

ANIVERSÁRIO DE PAI AMÉRICO

Em 23 de Outubro seriam os seus 75 anos. Seriam se a Eternidade tivesse medida!... Assim, somos nós que vamos festejando a data enquanto a nossa morada é este mundo, onde espaço e tempo são coordenadas a cuja definição ninguém foge.

Como de costume, os Pobres da Conferência dos nossos Rapazes vieram confraternizar connosco.

E — quase posso dizê-lo — como vem sendo costume, neste dia houve casamento. Foi o Daniel. Alguém dirá no próximo jornal de como foi a festa, se ele, Daniel, crónista-oficial da Casa, o não quiser fazer por se tratar de si.

E como o aniversário do dia em que nasceu a Raiz da Obra, vem sendo, desde a partida dele deste mundo, data de nascimento de vários rebentos dela, eu já fico a deitar contas sobre quem será o casal do próximo ano...

graças a Deus. Eles aí estão todos felizes da vida.

E devo dizer, por «môr» da verdade, que eles estão muito mais civilizados do que é costume os rapazes da nossa marca, quando para cá vêm.

Têm trabalhado como uns valentes e estão cheios de vontade de aproveitarem a escola. Os dois mais velhos até já mudaram para a 2.ª classe, apesar de há tão pouco ainda ter começado o ano lectivo.

Quanto ao convívio «pluri-racial» a fotografia é expressiva. E ela não é «para inglês ver»!



ESTE ano foi uma farturinha de vinho, louvado seja Deus!

É certo que cá em casa não houve a preocupação do vasilhame, graças às cubas que Sr. P.e Manuel mandou fazer o ano derradeiro. Ele até pôde ser tábua de salvação para alguns vizinhos, com as vasilhas que lhe sobraram — não contando as requisições de pipas de Sr. P.e Baptista e até

ÁFRICA

Três profundas impressões estéticas, todas elevantes da alma, como é próprio das belezas que reflectem a Beleza, nós trouxemos de Africa este ano. Uma foi a Tunda Vala, aonde a bondade de um Amigo de Sá da Bandeira nos levou.

Toda a cidade, com seus arredores, é cheia de graça. Da Serra da Chela, ouvira cantar os encantos, mas não a conhecia senão das alturas em que o avião da D. T. A. a sobrevoa — ponto de vista distante em demasia para nos dar os contrastes da realidade.

Vinte quilómetros de estradão conduzem-nos à plataforma cerca de 2.300 metros acima do mar. Avançamos até ao miradouro. E de repente a serra acaba, cai verticalmente mil metros, sobre novo plano onde avulta o Pico Maluco e, para além dele, começa a desfazer-se sobre o deserto de Moçâmedes, até ao mar.

A sensação é de vertigem e ao mesmo tempo de serenidade. Julgamo-nos em uma imensa ponte de comando, silenciosa e refrescante, onde a grandeza de Deus é mais fácil de conceber.

Todos repetimos o que têm feito todos os visitantes de Tunda Vala: Agarrámos em pedras e lançámo-las sobre o abismo à espera do som grave da pancada lá no fundo. São uns largos segundos, que nos parecem muito mais.

A segunda impressão colhemo-la na Fortaleza de S. Pedro da Barra. P.e Horácio celebrou ali, o nosso primeiro domingo de Luanda.

Nos baixos, em caverna natural, uma mesa serviu de Altar. A seguir, uma esplanada que dá para o mar.

Havia ali, protestantes, gentios e católicos. Veio à Missa quem quis. Antes, enquanto duas religiosas preparavam o preciso para a Missa, três padres confessámos perto de uma centena de homens. Que bom! Que consciências esclarecidas! Que sentido do pecado — ofensa a Deus! Que diferença destas nossas cristandades nortenhas, onde a rotina ainda não deixou apagar a atrição e pouco mais!

Depois, a Missa impecavelmente dialogada em latim. Centenas de vozes viris, bem timbradas, faziam uma só voz. Nos momentos de cantar foram cânticos em português e em quibundo. Ó beleza! A Comunhão aqueles mesmos que se haviam confessado deram a nota da refeição consumada que é essencial ao Santo Sacrifício.

Glória ao esforço missionário, de quem tanta incompreensão ouvimos! Que aquele aprumo, aquela preparação não se conseguem por geração espontânea!

Às sete da tarde celebrei eu em uma igreja da cidade. A fina flor enchia-a. Em volta do Altar senti silêncio e vazio.

Que imagens de beleza e título de responsabilidade nós trouxemos da Fortaleza de S. Pedro em Luanda!

A terceira recordação adquirimo-la no regresso. Foi S. Tomé. A ilha é paradisíaca. É uma montanha de verdura saída do mar. No interior a vegetação é luxuriante. Cacau e café. Fruta-pão, bananeiras pegadas umas às outras. A gente compreende a insolência dos naturais. É que a Natureza tudo oferece de quanto é essencial à vida.

O Pároco da Sé deu-nos uma volta pelo interior. Vimos uma cascata de sonho; panoramas que se estendiam até ao outro extremo da Ilha, que nos informaram ser ainda mais bonito do que a região onde é a cidade. Apesar da Ilha ser atravessada pelo equador, neste tempo, devido às correntes marítimas do sul, o clima é fresco e agradável.

Para exprimir o que é S. Tomé, a gente pensa em certos recantos da Serra de Sintra. Mas Sintra é apenas um pedacito de S. Tomé!

Que pena que tantas agências de viagens levem os nossos turistas por rotas estrangeiras e esta encantadora Ilha seja desconhecida de quase todos os portugueses!

Deus compense os Missionários do Coração de Maria, de S. Tomé, assim como os Franciscanos de Bissau, pela caridade com que nos acolheram e pelos encantos que nos proporcionaram.

AINDA não apresentara aos leitores do Famoso os três angolanos que trouxe este ano no regresso de Africa. São filhos do Rei dos Gingas, Soba fiel que morreu vítima do terrorismo.

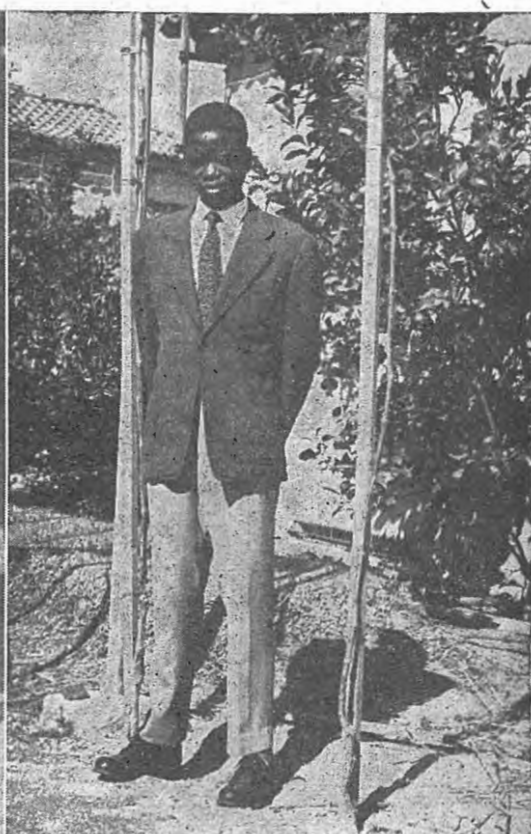
Quando me pediram para os trazer, falaram-me em rapazes de 10, 11 e 12 anos. Disse que sim.

Na véspera da partida, apareceram-me estes, de 14, 16 e 18 anos. Tremi que eles não se adaptassem. Pois foi infundado o temor,

de Sr. P.e Horácio que, de suas casas, mandaram um S. O. S. e foram atendidos.

Continua na segunda página

VISTAS DE DENTRO



A nossa Família estende-se aos cinco Continentes!

O QUE NOS DÃO NO TOJAL

Vamos começar neste número as notícias do que nos dão no Tojal, e no Montepio.

Coisas de comer da Frigorífica do Tojal. E também o mesmo da Padaria da Rua Buenos Aires umas vezes, outras da Brasileira. Para nós e para os Pobres é Pão abençoado. Quando aparece a furgoneta em Monsanto, logo se houve da boca de muitos que nos rodeiam: É o senhor padre que dá pão. E desatam todos a pedir. As vezes que ali vou e não o levo deixo aquelas crianças mais tristes do que já são. Apesar da Ponte que lhes vai nascer por baixo dos pés ou por cima da barraca, o facto não muda o semblante nem interessa àquela gente. Eu tenho esperança que dias virão em que aqueles corpos mirrados, aquelas caras sujas e macilentas aqueles seres derrotados, hão-de transpor barreiras, chegar ao coração dos Governantes, arrancar decretos e viverem à luz do dia como irmãos nossos. Há-de ser difícil. Mas não é impossível.

Da Igreja dos Mártires, por esta vez não chegámos a 4 contos. Foi preciso a visita dos Lobitos de S. João de Deus mais um Augusto para os perfazerem. Uma nota de cem para o que mais for preciso e para a assinatura. Igual entregue a um vendedor. O mesmo mais metade a outro, em Ar-

VISTAS DE DENTRO

Vem da primeira página

Mas lá que a vindima tem sido uma revolução — isso sim! Há três semanas que a adega é o centro da casa. Sr. P.e Manuel não arreda. «Peniche» é o secretário de estado; «Casaca» o subsecretário. Os Carpinteiros foram requeridos de longa data. Os Troilhas da mesma sorte. De modo que tivemos mobilização geral! Ele madrugadas! Ele noitadas! Muitas vocações de vindimadores, os quais colheram mais para as respectivas barrigas do que para os cestos! Depois, a pisa! Muita gente! «Tira-Olhos» mai-lo seu acordeão foi o animador! Cantadores, um rôr deles!

Estas vistas é que haviam de ter muitos observadores, para os senhores saberem como isto é!

roios. Visitantes com cem e quarenta.

De A. Maia a pedir uma Missa 500\$. Alunas da Escola Josefa de Óbidos com mercearias mimos e 1542\$50. Empregados da Mobil 1.949\$00, 1.911\$50 mais 1,629\$30, com a sua amizade e simpatia mais os quarenta litros mensais de gasolina da Companhia. Bem hajam Patrões e Empregados tão amigos, e unidos para o bem. Da Praça de Damão de quem se aflige com as nossas aflições, mil. No Lar 300\$ de alguém que o Senhor chamou à Recompensa. Tanto nos ajudou e nunca lhe vimos a mão! Ou pelo Correio ou pela criada! Sempre tão a par dos nossos problemas! Deus chamou-a na mesma altura que outra amiga nossa. A mesma amizade discreta; o mesmo sentir conosco as nossas dores, a ponto de esquecer as próprias que a vitimaram. A Senhora D. Maria da Calçada da Glória e a Senhora D. Emília subiram finalmente para a Glória.

Duma Criada de servir, no Saldanha, todo o ordenado do mês, prometido todos os anos; e tauto cariuhu todas as quinzenas, para os vendedores do Gaiato. De tantas outras, nos peditórios sobretudo, tenho recebido provas de amizade e compreensão. Mas se destas admiro a generosidade, de tantas outras temo os filhos. Poderão contar-se em Lisboa as que estão em embarços por terem um filho e por causa dele não encontram emprego? Tantas nos têm batido à porta. P'ra essas só que fosse, Lisboa precisava de muitas Casas do Gaiato. Mas quantas outras, se não perdem a honra, escondem o pecado... E quantas se tornam públicas? Façamos tudo para que o sábio decreto, ora saído, seja um passo para reabilitação social da criada de servir e um travão já não digo para elas somente, mas para os senhores e senhoras «de cartola» que nesta Lisboa de «mármore e granito, de muitas e desvairadas gentes» têm a sua vida de sociedade montada sobre estas pobres vítimas humanas. Adiante.

Visitantes de Algés com 300\$. Igual duma amiga da Obra. Grupo da L. O. C. de São Sebastião da Pedreira 71\$80. Um casal com 200\$. Menos 50 de M. A. Paixão

que aparece todos os meses. Mais o Pessoal da Nestlé com 504\$50. A. Arxunes da minha terra cem. Um Snr. Eng.º da A. P. T. com 200\$ e visita repetida religiosamente todos os meses até hoje. Mais um Automóvel velho que nos deu a Land Rover de Lisboa. O melhor préstimo que teve foi o dinheiro que rendeu. Logo na mesma hora (era sábado) foi posto a girar. Assinaturas pagas à nossa Mãe Irene 350\$.

De F. J. Orey 2.500\$ e mais 300 nas ruas de Sintra. E mais o que a Esposa tão dedicada Amiga tem feito por nós e não cabe nestas colunas. Visitantes com cem e 200. Um grupo de Empregados de L'Air Liquide de Lisboa com 40\$ repetidos todos os meses. Do nosso fornecedor de lenha 50\$. Em dia raro de visitantes 140 mais um sr. Eng.º dos C. T. T. com cem e muita amizade e a ajuda sempre que apareço a pedir trabalho para a Tipografia. Nunca vi tanto desembaraço quer em ajudar-nos como no seu trabalho. Sempre igual a si mesmo. Mais visitantes ainda com 20, 50 e cem. De L. Pereira 200 e «agradecia uma oração pelas minhas faltas». «A humildade e a verdade são gémeas» dizia Pai Américo. E por esse mundo, andam tão discordantes! De uma filha Amiga que tem aparecido mais vezes 500 a pedir pelo eterno descanso de seu adorado Paisinho. Mais o almoço para todos os rapazes oferecido pela Snr.ª da Tranquilidade. Hoje mesmo voltou. Tão bom vê-los comer tão bem! Que a satisfação que a todos traz seja multiplicada ao infinito de felicidade no Céu. De Dias Ferreira 500 e as costumadas deliciosas amêndoas da Páscoa.

Amêndoas também de um Dinamarquês amigo. Para onde foi o outro, dos outros anos?

Mais de uma dívida mil e cem. Visitantes com 50 e vinte. Um sr. de S. João de Deus com mil. Mealheiro da Casa Batalha 30. Visitantes com 50 mais 46\$50.

Por aqui ficamos hoje. Deus do Céu derrame bênçãos sobre todos os nossos amigos de todos os momentos.

Padre José Maria

TOTOBOLA

O artigo sob esta epígrafe saído no jornal de 29 de Setembro passado reavivou a fogueira entre os leitores de o **Famoso**. São muitos a desejar que se não deixe morrer a ideia. E todos, com esta sua manifestação, revelam a esperança de que a colaboração do Totobola nas casas para os Pobres venha a ser realidade.

Há um que se exprime assim:

«Também jogo o Totobola e vou passar a escrever no verso do talão, a tinta bem encarnada apenas isto:

Sou pelos \$20 para casas do Património dos Pobres da Obra do Padre Américo. Lancem o apelo até confundir os medrosos».

Ora este leitor vem ao encontro de uma ideia que resolveria de vez a indecisão. Era uma campanha de informação, através, possivelmente, de pequenos impressos espalhados pelos Agentes quando da distribuição das matrizes. E depois de algumas semanas de esclarecimento da ideia junto do grande público, perguntar-se-ia a este a sua concordância. A própria matriz poderia reservar um pequenino retângulo para o **sim** ou o **não** da resposta.

Este nosso leitor já está dando semanalmente a sua resposta. Assim como de muitos outros sabemos que por várias formas têm feito chegar a sua opinião favorável à Misericórdia de Lisboa e até ao mais alto Pelouro da vida nacional.

Que os nossos leitores, vários dos quais começaram a ser Totobolistas a partir da esperança de colaboração do Totobola no Património dos Pobres, alguns dos quais nos vão mandando já, regularmente, o seu óbulo de **concorrentes às apostas mútuas** — que eles vão já plebiscitando a Campanha, como o faz o nosso citado correspondente: **Sou pelos \$20 para casas do Património dos Pobres da Obra do Padre Américo.**

Da que nós necessitamos!

Oferta singela, simpática e digna de nota, é a de uma criança que, no dia da sua Comunhão Solene, se lembrou de nós. Decreto que jamais se esquecerá desse dia solene, e o Senhor se lembrará dela no Reino dos Céus.

Que as suas vestes imaculadas desse dia imerredoiro, não se manchem nunca, no caminhar deste mundo depravado.

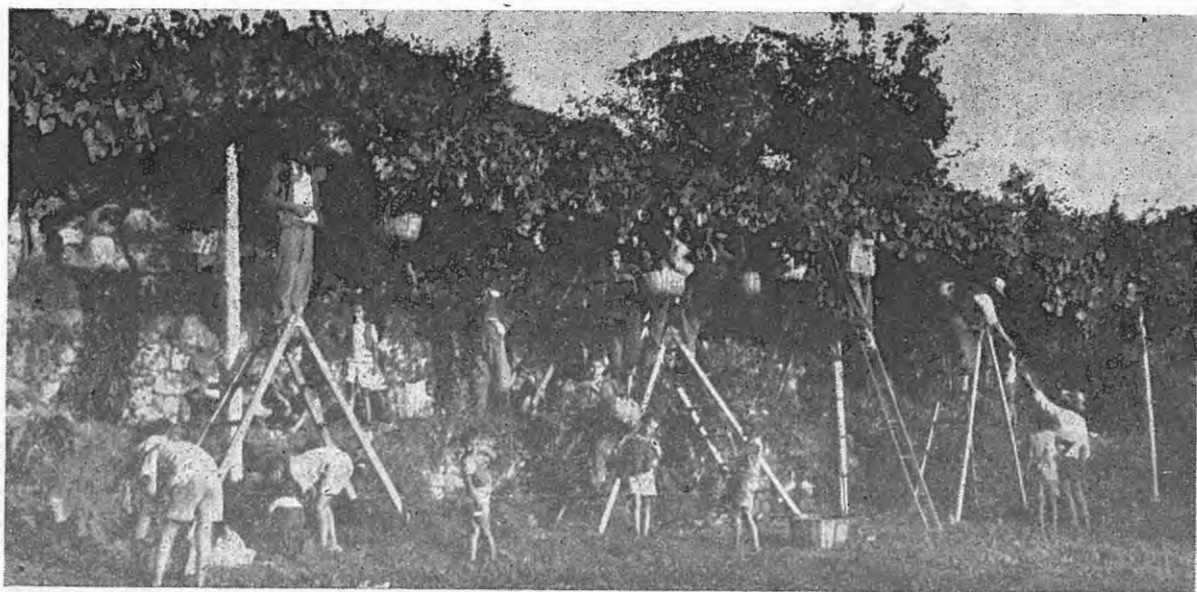
2.000\$ da Foz do Douro. Pessoal da Mobil com 87\$50. De «Um Pecador», 50\$. De Maria, pedindo orações, 20\$. Assinante 11894, de Ilhavo, 50\$. Josefa com 200\$. Lisboa com 21\$, em selos. Do Grupo de Pesca de Custóias, depois de ter concluído o seu Concurso Anual no Rio Ave, em Vilarinho, teve livre de despesas um saldo positivo de 41\$50, que acharam por bem confiar-nos.

Já por várias vezes, que a Gerência da Fábrica de Papel do Almonda — Torres Novas, tem oferecido grandes quantidades de papel às nossas oficinas gráficas, cujas dádivas são sempre recebidas com grandes expressões de contentamento da parte do Snr.

P.e Carlos e do Júlio Mendes. Que alívio, se outras Fábricas de Papel, instaladas por esse Portugal além, se lembrassem da nossa Tipografia! Papis de escrita, bondes, capas, cartolinas... Um muito obrigado para a Gerência da Fábrica de Papel do Almonda, cuja amizade pela nossa Obra jamais lhes fará esquecer as nossas oficinas tipográficas.

Cá está a nossa «Avó de Moscavide», presente como sempre. E informamos que recebemos o aludido vale postal. Por intermédio de «O Comércio do Porto», 400\$. «Uma Serrana na Foz do Douro», enviou-nos 100\$. Dos funcionários da Curadoria dos Indígenas Portugueses em Joanesburgo, um cheque de 3 libras, que pessoa amiga para cá encaminhou.

A alegria na obtenção de bons resultados em exames, traz-nos lembranças de 20\$, 50\$ e 20\$. De «Uma Mãe», 20\$, pedindo a protecção de Pai Américo, para os seus 3 filhos. Lourenço Marques com 200\$. De Leiria, 500\$. Do Sr. Manuel da R. da Corticeira,



Grande azáfama nas nossas vindimas

CARTA D'AFRICA

Senhor P.e Manuel

Hoje não tenho mãos a medir: é para o Senhor, Senhor P.e José Maria, Mãe Irene, Ramada, Jorge (Areosa), Elisa e não sei mais quem. Por vezes dou a impressão que sou preguiçoso mas nem sempre isso acontece, até pelo contrário. Tenho tido notícias de meu irmão e segundo ele deve vir para cá nos princípios de Outubro. Vem para L. Marques ou próximo, o que deve tornar impossível um encontro nosso.

Na realidade em Angola têm feito muito e muito mais se poderia fazer aqui, mas infelizmente isso não acontece. Não consigo compreender um certo número de coisas. Uma vez que estamos em paz porque não se faz tudo para que ela continue? Não senhor, só se preocupam com a instrução militar e nada mais, quando, se a maneira de pensar fosse outra,

nunca seria preciso empregar as armas. A nossa vitória está no bem que se fizer por este povo e não a fogo. É certo que ele não pensa aquilo que é a causa de nós estarmos aqui, mas uma vez bem formados e integrados nos nossos costumes tudo seria mais fácil.

Vivo com ansiedade o dia de ver instalar aqui industria e abrir novos horizontes. Tanto rapaz que não tem modo de vida aí, mas, por que não vê o seu futuro garantido, não pensa ficar. Quando é que os «grandes» abrem os olhos e o cofre, quando?!... Não sei!

Tudo continua bem e eu sempre na mesma. Abraços para todos com um xi muito grande para o Senhor e Senhor P.e Carlos. O Seu

Joaquim Gomes

Pelas notícias que se seguem à que ultimamente publicámos, da pena do irmão Jaime, concluímos que o «mimo» do Américo foi passando e que ele ia mostrando o que valia.

Em carta de 1/Junho/1907, dirigida ao P.e José, a Mãe dá notícias de toda a Família e mais esta: «O Jaime mandou-me dizer que tem o Américo muito bem empregado numa Companhia inglesa onde pode ser um homem».

Outra carta, um pouco posterior, revela-nos que o Américo foi à inspecção militar a Quelimane em 19/Agosto/1907 e ficou livre.

E é novamente a Mãe quem dá notícias em 12/Janeiro/1908:

«O Américo mandou ao Pai a consuada de 18 libras em ouro para um varino».

Um ano depois, em 13 de Fevereiro de 1909, é, uma vez mais, pela Mãe, que sabemos:

«O Américo tem escrito. Es.



FACETAS DE UMA VIDA

tão bons. Mandou uma libra à Rita e outra à Amélia da Botica e a mim um anel e ao Pai 10 libras pelo Natal. E diz um capitão que veio aqui trazer as encomendas, que ele estava um rapaz à altura, que era caixeiro despachante a bordo na língua portuguesa, francesa e inglesa e que admirava a aptidão que ele tem para tudo isto e que ajudava todos os dias à missa ao Sr. Padre Vicente e o tempo que lhe chega para tudo».

Esta carta da Mãe era ainda dirigida ao P.e José, cujo regresso ela aguardava «para Maio, pela conta do Snr. Bispo». E o seu coração de Mãe batia na esperança de que ele viesse de vez e por cá ficasse.

Assim foi. P.e José chegou a Cête em 24/Maio/1909, onde foi festivamente recebido, conforme uma curiosa fotografia que nos foi dado ver.

Por isso esta é a última carta da Senhora Terezinha de Antelagar ao filho P.e José, cuja faceta de arqueólogo estudioso lhe dava para guardar toda esta correspondência, que ora nos tem sido preciosa. Neste gesto de arquivar papéis antigos, não eram nada irmãos P.e José e Pai Américo!

Decerto a Mãe teria escrito aos outros filhos ausentes, mas nada se achou, para já. Esta é, pois, a última carta conhecida da Mãe Tereza, que faleceu em 12 de Dezembro de 1913.



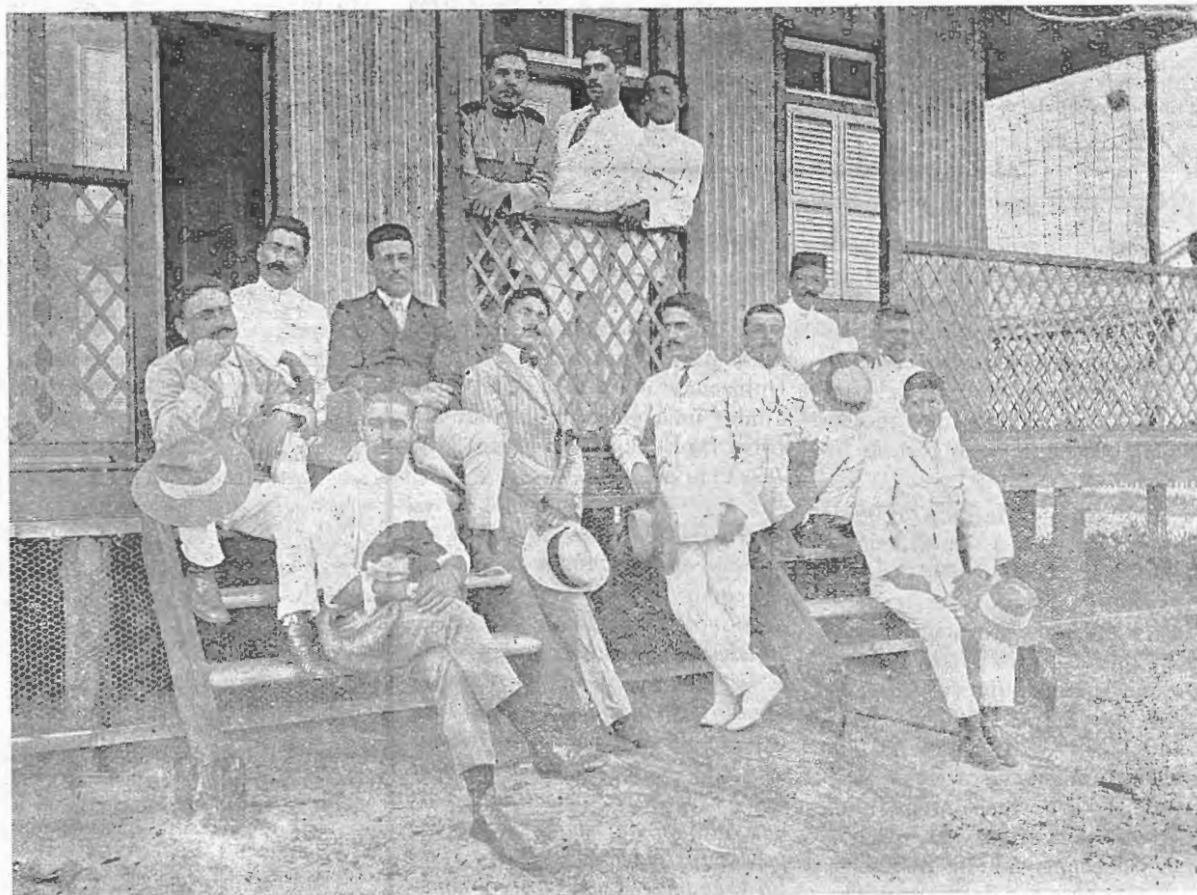
Auto-Construção

Muitos nos têm perguntado se Auto-Construção ajuda este ou aquele, mesmo que seja pobre, a fazer a sua casa. Respondemos que não. Não é esse o caminho escolhido, ao menos por enquanto. Poderia ter sido e redundaria mais fácil. Mas não foi. Trabalhar com grupos é muito mais difícil. Há e haverá sempre quem ajude este ou aquele trabalhador pobre a levantar a sua própria casa. Graças a Deus, o exercício da caridade reveste mil e uma modalidades. Aqui será uma pessoa de família, ali será um patrão, além será uma empresa. Para que haja Auto-Construção, tal qual nós a entendemos, tem de formar-se um grupo numa terra ou, quando muito, em povoados vizinhos. Esse grupo poderá ter apenas rapazes solteiros. Seria o melhor, desde que eles, em conjunto, oferecessem um mínimo de garantias. Um dos ideais de Auto-Construção é que os rapazes, quando chegarem ao casamento, entreguem, como dote, às suas noivas, uma casa construída por eles mesmos. O melhor seria que os grupos de Auto-Construtores fossem formados por rapazes solteiros. Algumas vezes não poderá ser. Porquê? Porque nesse grupo tem de haver um ou outro elemento com garra de chefe, que, naturalmente, seja escolhido pelos outros para dirigir os trabalhos, que, naturalmente se faça obedecer. Também será indispen-

sável que do grupo façam parte alguns operários de construção civil que saibam o que andam a fazer. Uma casa é uma obra de responsabilidade que exige alguma competência e alguma consciência profissional. Ora pode acontecer que numa terra pequena—Auto-Construção também deverá ser para as terras pequenas—não haja rapazes com tais qualidades, com tais dotes. Que fazer então? Formar um grupo de oito, dez ou doze—poderá ter outro número de elementos, mas assim talvez seja melhor—rapazes solteiros e homens recentemente casados. Nunca haja pressa na formação definitiva do grupo. Não esquecer que está aqui, em grande parte, o segredo, a chave do problema. Infelizmente há pessoas que só com muita dificuldade trabalham em grupo. É certo que Auto-Construção não querera apenas trabalhar com elementos formados, com gente de elite. Nada disso. Auto-Construção quer formar caracteres no trabalho e pelo trabalho. Não estaremos à espera de encontrar gente bem formada para começar. Não é esse, de maneira alguma, o melhor método. Será no trabalho, pelo trabalho e através do trabalho que Auto-Construção irá, pouco a pouco, criando uma nova mentalidade. É, no entanto, indispensável que no grupo haja alguns elementos com valor humano e profissional.

(Toda a correspondência para Auto-Construção—Aguiar da Beira).

Padre Fonseca



No Chinde, à porta da «república». O Américo é o de cabelo rapado

CAMPANHA DE ASSINATURAS

PORTO/LISBOA — Os senhores da capital apresentaram-se em grande forma. E como a gente fica radiante! Sim; porque desejamos conquistar os lisboetas. E ninguém pode realizar melhor o nosso desejo que os amigos leitores e assinantes da capital do império. Realmente, se cada um acaçasse, ao menos, um — ó revolução! Leva a palma, na precisão, o assinante 1840, com «um grupinho de novos assinantes», acentuando: «Espero sejam dos bons». E nós, idem.

O Porto não despertou. Mas compareceu — o que já não foi nada mau. Pode ser que, na próxima quinzena, dê cartas. Vamos a ver.

DO MINHO AO ALGARVE — Nem cansaço, nem desinteresse! Esta é a coluna forte da precisão. Tão vibrante como na pri-

meira hora! E cheia de testemunhos plenos d'amor pela santa causa do Famoso. Ora vejam:

«Pertencço ao número dos novos assinantes do nosso jornal «O Gaiato». Digo nosso porque sou rapaz e ele é obra dos rapazes, embora não sejam só eles a lê-lo, mas sim todas as pessoas, pois a sua doutrina fará bem a quem o ler, quer sejam novos ou velhos, do sexo masculino ou feminino.

Quando recebi este último número, peguei-lhe com a intenção de ler alguma coisa, mas o meu interesse foi tal, que o li todo e ao verificar que havia chegado ao fim, tive pena de não ser muito maior».

É um novo assinante! Um Rapaz de Casal da Pinheira. Não importa quem. É um Rapaz. O seu testemunho, no entanto, e apesar de idêntico a muitos no historial do Famoso, tem para nós ainda,

realmente, um sabor de novidade — «o meu interesse foi tal, que o li todo e ao verificar que havia chegado ao fim, tive pena de não ser muito maior». Senhoras e senhores, rapazes e raparigas, ponham aqui os olhos e correspondam ao interesse deste jovem.

O desfile continua. Passa gente fresca de Sintra, Elvas (a minha terra!), Alcácer do Sal e Estoril. Mais Sobrado (Valongo), Chaves, Setúbal e Rio Maior que afirma: «Pedia não demorassem a principiar o envio do jornal para a interessada, para que ela não julgue que não me interessei».

ULTRAMAR — Angola fez uma pausa! Todavia, Moçambique não quis faltar. E segue radiante, com presenças de Quelimane, Lourenço Marques e Inhambane: «Mando mais duas assinaturas. Peço para enviar o Famoso o mais breve possível. Tenho muita fé nele para ajudar especialmente a primeira. Mandem logo que recebam esta, sim?» Já seguiu. Tivessemos nós uma mala dos TAP por nossa conta—e reduzir-se-ia tempo e distância! Seria ouro sobrel azul.

Júlio Mendes

